

Bibliotecas como máquinas do tempo¹

Libraries as time machines

Bibliotecas como máquinas del tiempo

Robert Darnton

Carl H. Pforzheimer University

Resumo: Bibliotecas não são depósitos de livros. Elas são máquinas do tempo, ou seja, podem nos ajudar a viajar no tempo em nossa imaginação e entrar em mundos que perdemos. Em parte, pela sua arquitetura, em parte pelos próprios textos, eles nos ajudam a evocar o passado e a vagar por ele. A história das bibliotecas nos remete à ambição de reunir todos os livros em um só lugar: assim surgiu a Biblioteca de Alexandria. Mas, estudos mais recentes demonstram que a história das bibliotecas remonta a muito além de Alexandria, praticamente ao início da escrita, e sua trajetória aponta para um futuro marcado pela crescente democratização do acesso ao conhecimento. É claro que muitas dificuldades fazem esse futuro parecer problemático, mas acredito que em breve teremos uma biblioteca digital global disponível gratuitamente para todos no mundo.

Palavras-chaves: história do livro; Bibliotecas; cultura impressa; acesso ao conhecimento; digitalização.

Abstract: Libraries are not just book repositories. They are time machines, meaning they can help us travel through time in our imagination and enter worlds we have lost. Partly through their architecture, partly through the texts themselves, they help us evoke the past and wander through it. The history of libraries takes us back to the ambition of gathering all books in one place: this is how the Library of Alexandria came about. But more recent studies show that the history of libraries goes back far beyond Alexandria, practically to the beginning of writing, and its trajectory points to a future marked by the increasing democratization of access to knowledge. Of course, many difficulties make this future seem problematic, but I believe that soon we will have a global digital library freely available to everyone in the world.

Keywords: history of the book; libraries; print culture; access to knowledge. digitization.

Resumen: Las bibliotecas no son simples repositorios de libros. Son máquinas del tiempo, lo que significa que pueden ayudarnos a viajar a través del tiempo con nuestra imaginación y adentrarnos en mundos que hemos perdido. En parte a través de su arquitectura, en parte a través de los propios textos, nos ayudan a evocar el pasado y a recorrerlo. La historia de las bibliotecas nos remonta a la ambición de reunir todos los libros en un solo lugar: así surgió la Biblioteca de Alejandría. Pero estudios más recientes muestran que la historia de las bibliotecas se remonta mucho más allá de Alejandría, prácticamente al inicio de la escritura, y su trayectoria apunta a un futuro marcado por la creciente democratización del acceso al conocimiento. Por supuesto, muchas dificultades hacen que este futuro parezca problemático, pero creo que pronto tendremos una biblioteca digital global disponible gratuitamente para todos en el mundo.

Palabras clave: historia del libro; Bibliotecas; cultura impresa; acceso al conocimiento; digitalización.

¹ Texto traduzido e publicado em português segundo o original encaminhado pelo autor.



Esta licença permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que lhe atribuam o devido crédito pela criação original.

1 Introdução

As bibliotecas são máquinas do tempo. Especialmente bibliotecas antigas. Quando entramos em uma biblioteca que resistiu ao teste do tempo, temos a sensação de caminhar para o passado. Os historiadores, em particular, são o que os franceses chamam de *passéistes*² (passadista) - isto é, eles anseiam por entrar no mundo das pessoas que estudam, apesar da barreira do anacronismo. Um *passéiste* pode imaginar-se no passado enquanto visita a Biblioteca Bodleian em Oxford, a Antiga Biblioteca do Trinity College, Dublin, a Biblioteca Joanina de Coimbra, a Biblioteca Strahov em Praga e muitas outras, que exibem as suas coleções de livros antigos em ambientes arquitetônicos antigos. Infelizmente, essa ilusão logo se dissolve em uma espécie de turismo intelectual.

Salas de livros raros, no entanto, oferecem alguma fuga para o passado, porque seus livros, em toda a sua fisicalidade, abrem uma entrada para formas alienígenas de pensar. Minha própria experiência com salas de livros raros começou em 1957, quando cheguei como calouro em Harvard. Ouvi dizer que os alunos de graduação tinham permissão para consultar as coleções de livros e manuscritos raros da Biblioteca Houghton. Tomando minha coragem na mão, entrei no imponente prédio e perguntei se poderia ver a cópia de Herman Melville dos ensaios de Emerson, que diziam existir nas pilhas. Para minha surpresa, chegou à minha mesa em questão de minutos - um volume bastante surrado e de aparência comum, *Ensaio*: por R. W. Emerson (Boston, 1847).

Logo eu estava lendo um livro que Melville segurava nas mãos e até marcava em alguns lugares. Na página 216 do ensaio "Prudência", ele escreveu um grande X na margem direita de uma passagem que dizia: "Os terrores da tempestade estão confinados principalmente à sala de estar e à cabana. O tropeiro, o marinheiro, bate o dia todo, e sua saúde se renova com um pulso tão vigoroso sob o granizo, como sob o sol de junho. Na parte inferior da página, Melville rabiscou outro X e escreveu: "Para alguém que resistiu ao Cabo Horn como um marinheiro comum, que coisa é tudo isso."

² Qui a un goût excessif pour ce qui appartient au passé, est tourné vers le passé. [Aquele que tem um gosto excessivo pelo que pertence ao passado está voltado para o passado].

Eu estava lendo Emerson através dos olhos de Melville. Ou eu estava? Naquela época, como muitos alunos, senti simpatia pelo que nossos professores chamavam de "o poder da negritude", uma visão sombria do mundo formada à sombra da Segunda Guerra Mundial por leituras de Niebuhr, Kierkegaard, Sartre e Camus. Para nós, Melville era um herói e Emerson um peso leve. Eu revisaria essa visão hoje e também duvidaria que pudesse recapturar os pensamentos mais íntimos de Melville. No entanto, suas notas de margem transmitem algum sentido da maneira como ele lia, especialmente se consideradas à luz do que ele escreveu --- por exemplo, o capítulo sobre "A brancura da baleia" em Moby Dick.

Os estudiosos costumam estudar as notas das margens dos livros para entender a história da leitura e recorrem a outras fontes, como livros comuns e chaves manuscritas contemporâneas de *romans à clé* [romance para ele], que foram preservadas em bibliotecas de livros raros. Em alguns casos, eles chegaram a conclusões poderosas, e o fizeram estudando o livro como um objeto, em toda a sua fisicalidade.

Por exemplo, eles buscaram uma pergunta comum: Qual foi o primeiro livro impresso por tipos móveis no mundo ocidental? A questão é importante, não apenas por sua relevância para a história dos livros, mas também pelo que revela sobre a forma como Gutenberg desenvolveu sua invenção. Os estudiosos costumavam acreditar que era uma edição da Bíblia impressa por Gutenberg que tinha 36 linhas na página (B36)³ e que foi seguida por uma edição mais afinada com 42 linhas na página (B42). Mas por um estudo minucioso de ambas as edições em 1890, Karl Dziatzko, um bibliotecário da Universidade de Göttingen, notou um erro tipográfico em B36 que provou que um compositor havia usado B42 como cópia quando definiu B36 e, portanto, que B42 veio primeiro. Uma inspeção mais aprofundada da Bíblia de quarenta e duas linhas mostrou que Gutenberg havia começado colocando quarenta linhas na página e depois aumentou o número de linhas em um esforço para economizar custos. Embora já tivesse feito muitas impressões - particularmente de coisas efêmeras, como indulgências para a Igreja - ele continuou a experimentar e improvisar enquanto aperfeiçoava o primeiro livro impresso do mundo ocidental.

³ B36 tipo específico de fonte em letras antigas.

A análise de cópias físicas tem sido particularmente importante na erudição shakespeariana, porque os manuscritos originais de Shakespeare não sobreviveram, e um *Ur-text* [texto original] que só pode ser imaginado por um estudo minucioso das primeiras edições, que variam enormemente. Hamlet apareceu primeiro em um quarto primitivo de 1603, depois em um quarto melhorado de 1604-1605, que é duas vezes mais longo, e depois na primeira edição do fôlio de 1623 [folha de papel usada para manuscrito], que tem 85 novas linhas e difere muito de ambas as edições anteriores. Além disso, cada exemplar do primeiro fôlio difere de todos os outros exemplares. Portanto, a obsessão de Henry Clay Folger em colecionar cópias para a Biblioteca Folger em Washington, D.C. não era absurda, apesar daqueles que o ridicularizavam como Forty Folio Folger⁴ depois que ele adquiriu mais de três dúzias de cópias. Bibliógrafos analíticos como Charlton Hinman e Peter Blayney identificaram três questões distintas do primeiro fôlio, juntamente com pelo menos 100 correções de *stop-press* [edição de última hora] e as práticas peculiares de nove compositores que definiram o tipo. A Biblioteca Folger tornou-se um laboratório científico, e agora podemos calcular a confiabilidade relativa de cada passagem do cânone de Shakespeare, mesmo que não possamos chegar a um texto perfeito.

Esse tipo de erudição ou sabedoria pode parecer tão esotérico que faz com que a biblioteca acadêmica pareça uma reserva para poucos privilegiados. No entanto, as academias cresceram em torno de suas bibliotecas para o benefício de muitos milhões. Em 1638, John Harvard, um dissidente puritano que havia estudado no Emmanuel College, Cambridge, morreu em um povoado primitivo que acabaria se desenvolvendo em Cambridge, Massachusetts. Ele deixou sua biblioteca de 400 volumes para a pequena academia que havia sido fundada lá dois anos antes. De repente, tinha a maior biblioteca da América do Norte: 400 volumes! Em gratidão, adotou o nome de Harvard e começou a crescer em torno de seu núcleo de livros. Agora, quase quatro séculos e 20 milhões de livros depois, a biblioteca é a alma de uma grande universidade. Outras universidades se desenvolveram da mesma maneira e normalmente localizam suas bibliotecas nos centros de seus campi.

Outro tema na história das bibliotecas expressa um sonho utópico: a possibilidade de tornar todo o conhecimento disponível para todos os humanos. Isso

⁴ Coleção da obra de Shakespeare por Henry Clay Folger.

nos levará de volta ao passado e também ao futuro, pensando nas bibliotecas como máquinas do tempo.

Primeiro, porém, devo tomar nota de uma advertência de Jorge Luis Borges. Em sua história distópica "A Biblioteca de Babel", ele mostrou que o sonho poderia se transformar em um pesadelo, uma busca frenética para obter o controle do infinito. Outra de suas histórias, "O Livro da Areia", adverte que um fantástico livro de livros, que continha todos os livros do mundo, provou ser tão insuportável para seu dono que ele o escondeu nas pilhas da Biblioteca Nacional de Buenos Aires. O ex-diretor da biblioteca, Alberto Manguel, me garantiu que nunca foi encontrado.

Pelo pouco que sabemos sobre a Biblioteca de Alexandria, ela incorporou tanto o lado bom quanto o lado sombrio da história das bibliotecas. Em suas versões popularizadas, evoca uma visão romântica: a maior biblioteca que já existiu, todo o conhecimento da antiguidade reunido em um espaço palaciano e, em seguida, um final trágico - fogo provocado por ninguém menos que Júlio César. Preso em Alexandria por uma força superior, ele supostamente incendiou seus navios no porto como uma tática para repelir um ataque antes que os reforços chegassem para salvá-lo. A cultura helênica pegou fogo. Muitas das maiores obras de filosofia e literatura foram irreparavelmente perdidas. Daquela conflagração, restaram apenas as cinzas, e hoje não conseguimos nem localizar o local onde ficava a grande biblioteca.

Essa versão dos eventos está errada, mas é uma visão convincente, amplamente aceita como verdade histórica. Tomado como uma lenda, pode ser lido como um conto de advertência sobre a história das bibliotecas e seu papel na formação do mundo do conhecimento. Pelo lado positivo, representa a aspiração de reunir todo o conhecimento do mundo. No lado sombrio, sua destruição alimenta lamentações sobre a catástrofe cultural - por exemplo, a visão comum de que "o livro está morto" (dispositivos eletrônicos tomaram seu lugar, banalizando o próprio ato de ler) e que "as bibliotecas estão obsoletas" (ninguém mais vai lá).

Essas visões também são erradas e, ao mesmo tempo, reveladoras. Uma história de *Jeremiads* culturais⁵, se pudesse ser montada, exporia o mal-estar dos

⁵ O termo *Jeremiad* deriva da figura bíblica do profeta Jeremias, cuja atuação se deu nos últimos anos do Reino de Judá, período marcado por crise e destruição iminente. Conhecido por denunciar com veemência a idolatria, a injustiça e a quebra da aliança com Deus. Jeremias advertia seu povo sobre as consequências do pecado coletivo, ao mesmo tempo em que apontava para uma nova aliança, mais íntima e espiritual, sem necessidade de mediações institucionais. No campo da história cultural, Jeremias é também associado à escrita e à preservação do conhecimento. Atuando como profeta e

intelectuais diante das mudanças nos meios de comunicação. Em 1928, Walter Benjamin declarou: "Tudo indica que o livro está chegando ao fim". Mais ou menos na mesma época, Ezra Pound profetizou: "A arte das letras chegará ao fim antes de 2000 d.C." Mais recentemente, Alvin Kernan dedicou um livro inteiro a *A Morte da Literatura*. Profecias de desgraça podem ser detectadas no passado, juntamente com outros sintomas de desorientação, como "sobrecarga de informações", uma experiência comum no século XVI quando, como Ann Blair cunhou o termo "informação" foi como es esse termo se adequasse ao sentimento entre os estudiosos humanistas de serem oprimidos por textos impressos.

É verdade que os historiadores muitas vezes podem encontrar exemplos no passado remoto de fenômenos atuais que são considerados sem precedentes. Detectar continuidade no lugar da mudança é um dos truques de seu ofício, e um senso equivocado de continuidade não deve embotar nossa compreensão da transformação sem precedentes do ambiente de informação no passado recente. Foram necessários dois milênios para avançar da invenção da escrita, que aconteceu por volta de 4000 aC, para a escrita com caracteres alfabéticos, inventada por volta de 2000 aC, no mundo ocidental. Outros dois milênios e meio se passaram antes da invenção da impressão em papel com tipos móveis, e depois disso a tecnologia de impressão quase não mudou por três séculos e meio. É verdade que os chineses e coreanos inventaram o papel e a impressão muito antes dos avanços no Ocidente, mas na Ásia e na Europa a inovação básica na tecnologia de comunicação pertencia a uma *longue durée* [longa duração] medida em muitos séculos - até o passado recente. O ritmo da mudança em nossas próprias vidas tem sido impressionante: a Internet (1974), a World Wide Web (1991) e, em seguida, um avanço após o outro: mecanismos de pesquisa, classificação de relevância algorítmica, smartphones, mídia social e inteligência artificial.

Olhando para trás, para todas essas mudanças, pode-se perguntar se a Biblioteca de Alexandria deve ser considerada como um ponto de virada na história

escriba — com o auxílio de seu escriba Baruque —, registrou sermões, poemas e relatos proféticos que foram reunidos no livro de Jeremias, um importante arquivo histórico e teológico. Essa compilação textual não apenas preserva o testemunho do colapso de Jerusalém e do exílio babilônico, como também expressa esperança e renovação. As *Jeremiads culturais*, portanto, representam discursos críticos que, à semelhança dos lamentos de Jeremias, denunciam a decadência moral, social ou espiritual de uma sociedade, ao mesmo tempo em que clamam por reforma, remissão ou retorno aos princípios fundadores. Tais textos costumam valorizar a memória coletiva, a transmissão intergeracional de valores e o papel crucial da escrita como guardião de uma identidade ameaçada.

da informação. Na medida em que essa pergunta envolve tecnologia, a resposta é não. O acervo da biblioteca consistia quase inteiramente de rolos de papiro, e pouco ou nada contribuiu para a mudança tecnológica mais importante de seu tempo - isto é, a mudança durante os primeiros dois séculos da Era Comum do volume ou pergaminho, que se lia desenrolando, para o códice [pequena placa encerada em marfim ou madeira], um livro feito de folhas, dobrados e encadernados, que se lê virando as páginas.

No entanto, a Biblioteca de Alexandria se destaca como um monumento na história do conhecimento. Embora tenha chegado a um final infeliz (mas não ao fogo de César) e tenha deixado poucas evidências de sua existência, começou como uma tentativa incrivelmente ambiciosa dos governantes ptolomaicos do Egito de coletar e preservar tudo o que o homem conhece.

Desde o início de seu domínio de 300 anos sobre o Egito, os Ptolomeus fizeram da Biblioteca de Alexandria uma expressão de sua grandeza. Eles investiram enormes recursos na construção de suas coleções, enviando agentes para comprar livros sobre todos os assuntos concebíveis de todas as fontes disponíveis. De acordo com Galeno, o grande médico grego, os reis ordenaram que cada navio que atracasse em Alexandria fosse revistado em busca de livros. Se algum fosse encontrado, era enviado para a biblioteca e copiado. Em seguida, as cópias foram devolvidas enquanto a biblioteca mantinha os originais. Galeno também relatou que o terceiro rei dos Ptolomeus pediu emprestado os manuscritos originais de Sófocles, Ésquilo e Eurípides de Atenas. Os atenienses concordaram, desde que Ptolomeu III depositasse um enorme tesouro como garantia de que os devolveria. Ele mandou copiar os manuscritos e devolveu as cópias no lugar dos originais, dizendo aos atenienses que ficassem com o tesouro.

A ambição dos Ptolomeus era criar uma biblioteca universal adquirindo o texto de todos os livros do mundo - isto é, do mundo ocidental. Eles não tinham ideia da tradição paralela da erudição literária na China antiga, onde combinações de conhecimento e poder também apoiavam grandes dinastias.

Você pode interpretar essa política de biblioteca como uma forma de "soft power"⁶ ou mesmo, como diz uma autoridade, imperialismo cultural. Ao coletar todos

⁶ *Soft power*, em português "poder brando", refere-se à capacidade de um país influenciar outros através da atração e persuasão, em vez de coerção ou força militar. Em vez de usar ameaças ou

os livros do mundo, os Ptolomeus tentaram afirmar seu domínio sobre a civilização grega clássica e criar um monumento à sua dinastia que duraria para sempre. Era a versão deles das pirâmides.

Essa visão, devo admitir, envolve muita especulação, porque temos poucas evidências sobre o funcionamento da biblioteca. Embora seja frequentemente mencionado por contemporâneos como Plutarco e Galeno, acabou desaparecendo sem deixar vestígios de sua existência, e grande parte das pesquisas sobre ele diz respeito ao problema de sua extinção.

Pode ter sofrido algum dano com o incêndio provocado por Júlio César durante sua breve conquista do Egito em 48-47 aC. Mas se isso acontecesse, o fogo atingia apenas a biblioteca menor, chamada "filha" do Serapeum, e a biblioteca principal era poupada.

Depois que o Egito foi incorporado como uma província do Império Romano, a biblioteca permaneceu intacta, mas recebeu progressivamente menos financiamento e entrou em declínio. Sua morte provavelmente ocorreu em 272 d.C. durante uma guerra civil, que destruiu a área dentro de Alexandria conhecida como Brucheion, onde a biblioteca estava localizada. Relatos de viajantes posteriores indicam que nada restou além de ruínas no final do século IV dC.

O pouco que sabemos sobre seus acervos vem principalmente de anotações feitas por monges quando copiaram textos clássicos durante a Idade Média. Essas referências indicam quanto da antiguidade clássica foi perdido. No caso de Eurípides, por exemplo, evidências contemporâneas mostram que ele escreveu 92 ou talvez 95 peças. Todos eles provavelmente foram incluídos na biblioteca de Alexandria, mas apenas 18 ou possivelmente 19 sobreviveram em sua totalidade. Então, sim, a perda da biblioteca foi uma catástrofe, embora não tenha acontecido de uma só vez em uma grande fogueira.

Ainda assim, a biblioteca existia há 600 anos, disponibilizando suas coleções de pelo menos 400.000 pergaminhos para estudiosos visitantes e dominando o mundo do conhecimento durante a Era Helenística - um recorde e tanto quando comparado com bibliotecas modernas, exceto, é claro, a Biblioteca da Universidade de Oxford, que agora é um século mais velha que sua antecessora alexandrina e ainda está forte.

recompensas diretas, o *soft power* utiliza recursos culturais, valores ideológicos, política externa e imagem positiva para moldar as decisões e comportamentos de outros atores internacionais

Essa história, familiar aos classicistas, produz novas conclusões? Do ponto de vista da história da biblioteca, dois pontos se destacam. Primeiro, a biblioteca de Alexandria representa o culminar de uma mudança na antiguidade de uma literatura baseada na transmissão oral para uma baseada na escrita. Zenódoto, seu primeiro bibliotecário, também foi o primeiro a editar os épicos de Homero e, ao agrupar textos, dividiu-os em livros ou capítulos, adaptando-os aos olhos e não aos ouvidos. Em segundo lugar, a biblioteca expressou a ambição de reunir todo o conhecimento e, ao fazê-lo, exercer o domínio de tudo o que é conhecido. Essa ambição ainda está conosco.

Não se originou em Alexandria, no entanto. Em 1849, os arqueólogos descobriram uma coleção de 30.000 tábuas de argila cuneiforme em Níniveh, no norte do Iraque. As tabuinhas foram montadas por Assurbanipal, um rei assírio (668-627 aC), que agora é celebrado entre os historiadores da biblioteca como o criador da "primeira biblioteca sistematicamente coletada" - ou mesmo a primeira "biblioteca nacional" - no mundo ocidental.

Mas ele não foi o primeiro. Escavações mais recentes em Uruk, no sul do Iraque, revelaram os documentos escritos mais antigos, 4.500 tabuinhas, encontrados em qualquer lugar do mundo. Eles datam de algum momento entre 3400 e 3000 aC, não muito depois da invenção da escrita. Eram listas de palavras, essencialmente contas usadas para rastrear objetos e posses, e eram curadas e arquivadas - ou seja, pertenciam a algo que poderia ser considerado uma biblioteca. Por volta de 2900 aC, Uruk havia se tornado uma cidade importante, a maior do mundo, com pelo menos 50.000 habitantes. Produziu o que alguns consideram como a primeira grande obra da literatura, a Epopéia de Gilgamesh, que data, em sua versão mais antiga, de 2100 BCE [Before the Common Era – o mesmo que aC].

Portanto, a história das bibliotecas remonta a 5.000 anos. É congruente com a história da literatura e da própria escrita. A Biblioteca de Alexandria foi na verdade uma das últimas chegadas nessa história, mas certamente expressou uma ambição antiga de obter domínio sobre o mundo coletando tudo o que é cognoscível na forma de escrita. Ainda estamos nisso. Em 2004, o Google decidiu digitalizar todos os livros do mundo. Começou em Harvard e demos acesso às nossas coleções, as maiores de qualquer biblioteca universitária. Mas quando o Google pediu para digitalizar nossos livros cobertos por direitos autorais, dissemos não. O Google então fez o mesmo

pedido a Michigan, Stanford e à Universidade da Califórnia. Eles concordaram e imediatamente o Google foi processado por violação de direitos autorais pelo Authors Guild e pela Association of American Publishers. Após três anos e meio de negociações, as partes chegaram a um acordo. Infelizmente, o acordo transformou o que era originalmente um serviço de busca - o Google havia proposto ajudar os usuários a localizar textos de seu gigantesco banco de dados, mas não ler mais do que trechos deles - em uma biblioteca comercial. Quando finalmente surgiu, a Pesquisa de Livros do Google significava que nós, no mundo das bibliotecas, teríamos que comprar de volta nossos próprios livros em formato digital a uma taxa de assinatura que poderia ser ruinosa. O Google estava criando um monopólio de um novo tipo, um monopólio de acesso ao conhecimento em formato digital.

Em 22 de março de 2011, o Tribunal Distrital Federal do Sul de Nova York declarou o acordo um monopólio ilegal na restrição do comércio. Portanto, a Pesquisa de Livros do Google estava morta. Mas, como a Biblioteca de Alexandria, forneceu um exemplo inspirador; e mesmo antes de ser declarado ilegal, levantou uma questão: não seria possível criar uma biblioteca não comercial dedicada ao bem público ligando todos os acervos digitalizados em todas as principais bibliotecas da América?

Em 1º de outubro de 2010, um grupo de líderes de fundações, bibliotecas e ciência da computação se reuniu em Harvard para discutir a possibilidade de aplicar esse princípio ao mundo das bibliotecas na era digital. Concordamos imediatamente que era possível criar uma Biblioteca Pública Digital da América e começamos a trabalhar, criando uma infraestrutura técnica, uma rede de bibliotecas contribuintes e um centro administrativo. Em 18 de abril de 2013, o DPLA foi lançado. Suas coleções agora contêm 50 milhões de livros e outros objetos. Eles vêm de 6.000 instituições localizadas em todos os 50 estados e estão sendo usados, gratuitamente, por leitores de todo o mundo - exceto em um país, a Coreia do Norte.

Existem também projetos semelhantes e complementares, nomeadamente a Europeana, o Hathi Trust e o Internet Archive. O mesmo acontece com os problemas, incluindo as restrições excessivas da lei internacional de direitos autorais, mas gostaria de terminar com uma nota feliz: agora temos o poder de realizar um sonho que remonta a milhares de anos. Podemos criar uma biblioteca que disponibilizará todos os livros para toda a humanidade - e os leitores terão acesso a ela a partir de

uma máquina do tempo que os ajudará a imaginar, ainda que imperfeitamente, as vidas de seus antecessores voltando ao passado distante.

2 Passagens eliminadas

Tenho tempo para mencionar apenas quatro. Um deles está na própria Alexandria, a Biblioteca Alexandrina. É um excelente centro cultural concluído em 2002, que possui uma biblioteca com um milhão de livros impressos e links para o Internet Archive em San Francisco. Mas reúne obras apenas em árabe, francês e inglês, e tem sido criticado como um projeto usado para fazer o governo egípcio parecer progressista, embora o governo não forneça fundos suficientes para sustentá-lo.

Em segundo lugar, há o Hathi Trust, um repositório digital em Michigan, que contém material de mais de 60 bibliotecas de pesquisa e fornece acesso gratuito a 5,3 milhões de livros em domínio público. O Hathi Trust começou como uma tentativa coletiva de resolver o problema da preservação de obras digitais. Acho que tem um grande potencial como meio de difundi-los.

Em terceiro lugar, há o Internet Archive, uma gigantesca biblioteca de empréstimo digital criada por Brewster Kahle, um extraordinário cientista da computação do MIT, que fez fortuna criando empresas digitais e depois se aposentou para se dedicar ao acesso aberto. Seu Wayback Machine rastreou a Internet e salvou dez milhões de páginas de sites, e ele criou uma maneira de disponibilizar livros protegidos por direitos autorais gratuitamente online. Ele compra e solicita doações de livros físicos, digitaliza-os e disponibiliza as versões digitais, uma cópia de cada vez, à maneira de uma biblioteca pública que empresta livros.

Em quarto lugar, existe a Europeia, uma rede financiada pela União Europeia, que liga coleções digitais de bibliotecas em muitos países da UE. Tem uma estrutura pesada e a UE não oferece o apoio adequado. Mas tem um grande potencial e sua infraestrutura técnica é compatível com a da Biblioteca Pública Digital da América. Todos esses empreendimentos devem superar enormes dificuldades, principalmente na solução de problemas de preservação e na superação das restrições dos direitos autorais, que tornam inacessível a maioria dos livros publicados desde 1923. Mas estamos progredindo e, em dez anos, acredito que teremos uma biblioteca digital mundial de acesso aberto, que acabará por incluir quase todos os livros existentes.

Além de sua importância para a educação, as bibliotecas ajudaram os desfavorecidos a buscar os tipos de conhecimento que são vitais para suas vidas. Desde sua inauguração em 1911, a Biblioteca Pública de Nova York deu à enorme população imigrante da cidade acesso a obras em dezenas de suas línguas nativas. As 88 filiais de bairro da Biblioteca funcionam como centros comunitários, fornecendo, entre outras coisas, ajuda aos desempregados. Se você é um imigrante latino-americano em busca de emprego, não consulta o jornal, porque os anúncios de procura desapareceram da imprensa. Você vai à biblioteca local, onde um especialista que fala espanhol o levará a um computador, ensinará como operá-lo e o ajudará a encontrar emprego. 1.700 bibliotecas Carnegie, principalmente em pequenas cidades, fornecem acesso gratuito à Internet, bem como livros impressos, em todos os Estados Unidos.

Várias fontes indicam que era o principal ingrediente de um "Mouseion" ou Museu - uma escola combinada e instituto de pesquisa localizado perto do palácio real, no coração da cidade. O nome "museu" evocou sua dedicação às musas, a quem homenageou com um santuário. Foi dividido em salas, que correspondiam ao assunto e continham os pergaminhos organizados em ordem alfabética de acordo com a primeira letra dos nomes dos autores.

Não era uma biblioteca pública. Longe de admitir súditos comuns do rei, a biblioteca e o museu como um todo serviam como um "instituto de estudos avançados" (se tal anacronismo for permitido) para 30 a 50 estudiosos residentes, que recebiam salários, recebiam isenções fiscais, desfrutavam de alimentação e hospedagem gratuitas e faziam refeições juntos em uma sala de jantar comum. Ocasionalmente, davam palestras, davam aulas ou dirigiam simpósios, pois o Museu tinha uma componente pedagógica. O bibliotecário-chefe, um estudioso nomeado pelo rei, servia como tutor do herdeiro do trono e também como sacerdote no santuário das musas. Colunatas, pórticos, passarelas cobertas e um jardim forneciam um cenário para discussões peripatéticas no estilo do Liceu de Aristóteles e da Academia de Platão.

Um estudioso residente, Calímaco, criou o primeiro catálogo abrangente da literatura grega, organizado por gênero e ordem alfabética dos nomes dos autores. Não se sabe se determinou a organização da coleção, mas um catálogo deve ter sido necessário para integrar as aquisições e localizar o material.

Aparentemente, os estudiosos residentes desfrutavam de uma vida agradável e bem subsidiada, pelo menos durante os primeiros anos da Biblioteca, quando os fundos fluíam livremente. Dizia-se que consumiam muito álcool e organizavam jogos e festividades entre si. Inevitavelmente, eles despertaram o ciúme de sábios e sofistas fora de Alexandria. Um de seus críticos, Timão de Philius, os rejeitou com uma frase ácida: "No populoso Egito, muitos leitores ávidos enclausurados são alimentados, discutindo sem parar no galinheiro das Musas".

Isso, no entanto, é uma ilusão e não se sustenta. Quando entrei em St. John's como estudante em 1960, levei um livro para a velha biblioteca e comecei a lê-lo, imaginando-me transportado de volta à década de 1630. Não funcionou. O banco estava tão desconfortável e tão distante da prateleira onde eu apoiava meu livro que abandonei a tentativa depois de quinze minutos. Eu não conseguia imaginar como os estudantes do século XVII poderiam suportar a tensão.

A fantasia de habitar o passado visitando uma biblioteca também é difícil de manter, porque as bibliotecas antigas estão sempre ficando mais jovens. Eles foram constantemente renovados. A Biblioteca do Duque Humphrey no Bodleian perdeu a maior parte de seu caráter medieval tardio (1450-1480) quando foi remodelada em 1598 e novamente em 1610-1612. Da mesma forma, a Biblioteca Superior do Merton College, construída por volta de 1373, foi modernizada no século XVI, quando os antigos baús de livros foram substituídos por prateleiras modernas.

Recebido em julho 2025 | Aprovado em dezembro 2025

MINI BIOGRAFIA

Robert Darnton

Formou-se na Universidade de Harvard (Bacharelado, 1960) e na Universidade de Oxford (Bacharelado em Filosofia, 1962; Doutorado em Filosofia, 1964), onde foi bolsista Rhodes. Lecionou em Princeton de 1968 até 2007, quando se tornou Professor Universitário Carl H. Pforzheimer e Diretor da Biblioteca Universitária de Harvard. Suas atividades extracurriculares incluem atuação como membro do conselho da Biblioteca Pública de Nova York e da Oxford University Press (EUA), além de mandatos como presidente da Associação Histórica Americana e da Sociedade Internacional de Estudos do Século XVIII.

E-mail: robert_darnton@harvard.edu

Traduzido por **Carmen Lúcia Guimarães de Mattos**